

Fundo insiste na austeridade para programas da AL

Washington — O Fundo Monetário Internacional (FMI) insistiu ontem em que os países em desenvolvimento "deverão aplicar com determinação" seus programas de austeridade para reduzir a dívida externa.

O FMI reterou sua posição em um informe anual preparado antes do ataque frontal contra sua estratégia, lançado anteontem pelos dirigentes das novas democracias na América Latina, durante o debate político na Assembleia-geral das Nações Unidas.

O presidente peruano, Alan García Perez, disse que seu país preferiria deixar o FMI a se submeter a sua estratégia, que qualificou de "submissão colonial à injustiça imperante".

O presidente do Brasil, José Sarney, cujo país se acha empenhado em difíceis negociações com o Fundo Monetário, disse que o Brasil não vai pagar a dívida "às custas do desemprego e da fome".

Os chanceleres Dante Caputo, da Argentina, e Austo Ramirez Ocampo, da Colômbia, cujos países conseguiram entendimentos com o FMI, fizeram críticas, mas não tão radicais.

O FMI evitou comentar a advertência de García sobre uma possível retirada do Perú da organização.

Déficit

O informe friamente financeiro diz que o déficit agregado da balança de pagamentos dos países em desenvolvimento diminuiu, em 1984, em nove por cento. O estudo adverte, porém, que "esta melhoria, embora tenha produzido uma posição financeira mais estável, não implica no desaparecimento da necessidade de continuar abordando de modo concreto as dificuldades enfrentadas por muitos dos países em desenvolvimento".

O informe revela que nos últimos 15 meses (período que cobre todo o ano de 1984 e o primeiro trimestre deste ano), os países em desenvolvimento firmaram acordos para adiar pagamentos em torno de 112 bilhões de dólares de sua dívida externa. A dívida conjunta da América Latina é de 370 bilhões de dólares, mas o informe não dá detalhes da posição por países.